

BANDO ESCOLASTICO

Recitado pelo alumno

Arnaldo Passos

EM 5 DE DEZEMBRO

Embora pouco azeite e caro o bacalhau
Ha de a festa brilhar do nosso Nicolau;
Não perde o seu folgar a nossa academia
Sempre no mesmo tom, na mesma galhardia;
A mocidade assim desconhecendo dores
Não se importa do azeite, importam-lhe os amores;
A vida é o amor, oh! loira mocidade
Quererem que tu já chores nesta tão bella idade!
Que importa o azeite caro ou mesmo o bacalhau?
Não fica sem festança o nosso Nicolau.

Haja embora quem diga a festa é já sedição,
Que o Povo já não quer nem festas, nem a missa.
Já graça não encontra á chocha versalhada
Que não tem sal nenhum, que não presta p'ra nada,
Que é melhor dar-lhe fim, dar fim as zabumbeiras
Que fazem estrugir as nossas mioleiras;
Mas quem assim pensar atesta bem que é tolo,
Que macacos já tem a moer-lhe o miolo.

Não julgue quem pensar assim d'essa maneira
Que nos faz recuar da festival cauceifa;
E' alegre a mocidade e o sangue anda a pular
E o Povo quer-se rir, e o Povo quer gosar;
E a festa ha de reinar, não finda nem a pau,
Embora finde o azeite e finde o bacalhau.
Que a brincadeira e o amor tambem nos alimenta
Quando temp'rada fôr, com bom sal e pimenta.

Que importa mude o fado p'ra lei mais infeliz,
Como a que fez mudar o antigo chafariz?
Como tambem mudou, por identica lei
O nosso egregio heroe, nosso primeiro rei,
Julgando que elle assim, no jardim do Toural,
Podesse namorar damas seu ideal.
Tudo pode mudar por um fado iracundo,
Não muda á mocidade o seu folgar jocundo;
Emquanto houver amor e mulheres fagueiras,
Hão de sempre reinar as festas galhofeiras;
Quem ordena é quem pode, é o Santo Nicolau,
Que embora seja aqui, um santo só de pau.

E tu ó Guimarães, princeza entre as mais bellas
Que encerras em teu seio as mais gentis donzellas,
Que és do Minho o p'raiso em mimos e em primores,
Que dás á mocidade inspirações d'amores,
Não deixes de prezar os jovens estudantes
Que te serão leaes, que te serão constantes,
Constantes em louvar teus dotes de belleza,
Em nós confia, e crê, nossa immortal firmeza.

Tricanas d'esta terra e lindas costureiras
Escutae o que eu digo, e vós tambem sopeiras:
Dae vida, amor e alento aos nossos corações
Que se podem gelar, neste mar de illusões;
Sem a esperança sequer, que venha um só sorriso
Do vosso doce agrado abrir-nos um p'raiso;
Bem podereis saber que a bella mocidade,
Apenas tem um fito—O amor, a liberdade.

Mudemos pois agora as nossas chladeiras
P'ra assumpto que não é, p'ra grandes brincadeiras.

Escutai-nos tambem, vós, que estaeis ás janellas
Damas nobres, gentis, encantadoras, bellas,
Que temos de fallar sobre um caso engraçado
Fresquinho, que inda ha pouco assim nos foi contado:

Consta que a nossa deusa, a velha ralhadeira (1)
Que foi—(bem dita Deis)—grande namoradeira,
Que já nem bem segura um gato pelo rabo,
Do Cupido e de nós, diz coisas do diabo!

Queixou-se ao deus Apollo, e foi-lhe assim dizendo:
Que por tudo o que sabe, e pelo que está vendo
E' nulo este lyceu, que, dentro da cidade,
E' a plena perdição de toda a mocidade;
E afirma quanto diz a velha fedorenta
Entre outras mil razões estas que ella apresenta:

Diz que nesta cidade ha moças int'ressantes
Damas de encantos mil tolas muito galantes;
Que por esta razão, a grande estudantada
Doidinha, a namorar, já não estuda nada.
Tambem se queixou mais d'um lôgro a ella feito,
Pondo a dentença em vós, e sem nenhum respeito!

Diz que ao muito rogar, das damas da cidade,
Julgando as petições feitas com lealdade,
Fez que se estab'lecasse aqui um bom lyceu:
Dizendo, arrendida, o grande mal foi meu.

(1) Minerva.

Mas, sempre com despeito, ao vêr que foi lograda,
Contra vós a fanfar, sempre a dar-vos dentada,
Medita, e diz assim: O' grandes feiticieras
Manhosas como são lebres das maes matreiras!
Então lyceu, lyceu, aqui p'ra Guimarães?!
Rapazes cá p'ra nós, e o lyceu para os cães
Vilhacas d'uma figa! então namoratorio? !
E p'ra o lyceu—babau—apenas gaiolorio? !

Assim dizia a deusa em si, mas, despertando,
Tornou p'ra o deus Apollo á queixa acrescentando:

Qual lyceu nem lyceu, d'ellas o fim manhento
Tinha só no casorio o grande fundamento.

A ideia por que eu fui por ellas intrujada,
Foi p'ra terem por cá muita rapaziada;
E eu, que velha já sou, que sou velha matreira,
Sem no lôgro attentar, cahi na ratoeira!!

Assim Minerva a Apollo expoz quanto se passa,
E Apollo responden: "Então que quer que faça?
Quer que eu mande o lyceu p'ra a serra da Falperra?
Não seja assim tão má, não seja assim tão perra.."

Temos por nós o Apollo, assim do nosso lado,
Não valeu de Minerva o seu arazoado,
E o lyceu ficará aqui nesta cidade
P'ra plena reinação de toda a mocidade;
Pois que importa por fim, ter mais uma raposa?
O nosso fim é amar, procurar uma esposa
Que tenha um dote bom. Que nos importa o estudo?
Quem dinheiro avezar, tem sciencias, tem tudo.
Pois, não será melhor do que estudar latim,
Ir estudar amor nos olhos d'um cherubim?
Que importa a geometria, a dura mathematica
Invenção que é causal de haver gente lunatica?
Passar a mocidade a matra'car no estudo,
Só quem fôr muito tolo, ou animal lanzudo,
A mocidade passa, e passa num momento,
E' fumo que se esvae, que se desfaz co' o vento.

Viva Cupido pois, e vá Minerva á fava,
Ella que seja tola, ella que seja escrava.
Amar, isso é que é bello, amar um rosto lindo
E' d'um prazer sem par, é d'um prazer infundo.
A vida é uma illusão, ephemera a mocidade,
Nada de a murcheçar, busquemos liberdade.
Ralhe embora a Minerva, a sua rabugice,
E' filha do mau cáco, é prova de velhice.

Eia pois lindas damas primorosas,
Não deixeis de prezar os estudantes,
A' manhã nos vereis mais imponentes,
Como heroes em mil luctas triumphantes

E consenti que, em plena liberdade,
Sem que levem a mal vossas mããs,
Vos sejam por nós todos off'recidas,
Como brinde d'amor, doces maçãs.

Que nós, para gosarmos a delicia,
De vermos vossos rostos delicados,
E' que nos empenhamos nesta festa
P'ra mer'cermos assim vossos agrados.

P'ra vós é a maior honra do festejo,
Não é só para o Santo Nicolau,
Que vós sois divindades cá da terra,
E o nosso Santo aqui, é só de pau.

Mas Senhoras, é lei do Padre Eterno,
O que é bom não durar por muitos dias,
A' manhã, ao chegar a meia noite,
Catrapuz! Lá se vão nossas folias.

Portanto, um adeus saudoso aqui firmamos,
A vós, e a muitas outras raparigas,
Pedindo, que, dos jovens estudantes,
Sejam sempre—bem d'alma—muito amigas.

Vae terminar do Bando a sua cantilena
Que foi toda em galhofa, e não em prosa amena.
A nobre academia, a bella mocidade,
Sempre em bella união, boa fraternidade.
Atraz não quiz ficar, dos outros já passados
Posto que os bolsos seus não são muito abastados.
Embora caro o azeite, o vinho e o bacalhau,
Quizeram festejar o Santo Nicolau.

Souza Macario.

FESTAS NICOLINAS DE 1911